

**TEORIAS DA
LINGUAGEM**

**NOVA
INTRODUÇÃO
CRÍTICA**

Série Ideias Sobre Linguagem

Conselho editorial

Antónia Coutinho

(Universidade Nova de Lisboa)

Ecaterina Bulea

(Université de Genève)

Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin

(Universidade Federal do Ceará)

Juliana Alves Assis

(Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Jane Quintiliano Guimarães Silva

(Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Lesley Bartlett

(Columbia University)

Manoel Luiz Gonçalves Corrêa

(Universidade de São Paulo)

Maria Angela Paulino Teixeira Lopes

(Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Jean-Paul Bronckart

TEORIAS DA
LINGUAGEM

NOVA
INTRODUÇÃO
CRÍTICA

Tradução

Ana Maria Mattos Guimarães

Eliane Gouvêa Lousada

Luzia Bueno

MERCADO[®]
LETRAS

Título em francês: *Théories du langage: nouvelle introduction critique*
© Língua francesa: Éditions Mardaga

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bronckart, Jean-Paul

Teorias da linguagem : nova introdução crítica / Jean-Paul Bronckart ; tradução Ana Maria Mattos Guimarães , Eliane Gouvêa Lousada , Luzia Bueno. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2021. – (*Ideias sobre linguagem* ; 39)

Título original: *Théories du langage: nouvelle introduction critique*

Bibliografia

ISBN 978-85-7591-593-6

1. Linguagem – Estudo e ensino I. Título II. Série.

21-89517

CDD-407

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguagem : Estudo e ensino 407

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

revisão editorial: Mercado de Letras

bibliotecária: Aline Grazielle Benitez – CRB-1/3129

Esta obra é publicada com o apoio da
Fundação “Ernst et Lucie Schmidheiny”.

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 1

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO.....	7
1.	BURRHUS FREDERIC SKINNER: A ANÁLISE FUNCIONAL DO COMPORTAMENTO VERBAL	19
2.	LINGUAGEM E DESENVOLVIMENTO COGNITIVO: OS TEMAS PIAGETIANOS.....	43
3.	A ESCOLA SOVIÉTICA: A LINGUAGEM ORGANIZADORA DAS CONDUTAS E DO PENSAMENTO.....	63
4.	FERDINAND DE SAUSSURE : OS FUNDAMENTOS DE UMA LINGUÍSTICA GERAL.....	85
5.	EDWARD SAPIR: UMA ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA DA LINGUAGEM	129
6.	A LINGUÍSTICA ESTRUTURALISTA EUROPEIA	145
7.	NOAM CHOMSKY E AS GRAMÁTICAS GERATIVAS	175

8.	ANTOINE CULIOLI: POR UMA LINGUÍSTICA DA LINGUAGEM	249
9.	ÉMILE BENVENISTE: DA ENUNCIÇÃO AO DISCURSO	275
10.	AS CORRENTES DE ANÁLISE DO DISCURSO E DA LINGUÍSTICA TEXTUAL	289
11.	VALENTIN VOLOCHINOV: UMA CIÊNCIA INTEGRADA DA ATIVIDADE LINGUAGEIRA	313
12.	O INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO: ATIVIDADE LINGUAGEIRA, TEXTOS E ESTADOS DE LÍNGUA	335
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	359
	SOBRE O AUTOR E AS TRADUTORAS	379

APRESENTAÇÃO¹

A presente obra constitui uma versão completa e atualizada de *Teorias da linguagem: uma introdução crítica*, que foi publicada no mesmo editor (Éditions Mardaga) em 1977. Na sequência, nós propusemos inicialmente uma versão ligeiramente ajustada da versão original, na qual nós indicamos e comentamos as diversas modificações (acréscimos, supressões, reorganizações, etc.) introduzidas na presente versão.

Introdução geral

Já há muitos anos, professores, psicólogos, fonoaudiólogos e reeducadores encontram, na sua prática quotidiana, novas formulações teóricas, novos métodos ou novos programas inspirados em teorias contemporâneas da linguagem. Esta obra lhes é destinada. Tem por objetivo apresentar os aspectos essenciais das principais formulações da linguística, das ciências do discurso e da psicologia da linguagem, a partir do ponto de vista do utilizador ou do consumidor de teorias. Sendo nós-mesmo psicólogo da linguagem e didático de línguas, nos sentimos

1. Tradução Ana Maria de Mattos Guimarães – UFRGS.

na obrigação de proceder a um exame aprofundado das principais teorias da linguagem hoje disponíveis. Tentamos não apenas compreender essas teorias, delas detectando os aspectos positivos e/ou negativos, mas, sobretudo, entender seu fundamento e motivações: quais eram os postulados filosóficos e epistemológicos dos autores; que percurso metodológico adotaram e por quê; qual é, por consequência, a natureza dos dados obtidos? Esta apresentação é decididamente crítica; uma vez que os práticos são regularmente solicitados pelas teorias, pareceu-nos legítimo expor as reflexões e críticas vindas de nossa experiência como consumidores.

Alguns traços gerais da linguagem

Em todas as comunidades humanas, os indivíduos falam, escutam, trocam suas ideias ou sentimentos por meio de sequências sonoras produzidas pelo aparelho buco-fonador; todo homem é um locutor, um receptor, mas é igualmente capaz de reter as mensagens sonoras, de as reproduzir, de as traduzir, etc. Esse conjunto de atividades languageiras faz parte de uma família mais vasta, aquela das atividades simbólicas (o desenho, os gestos, a escrita e diversos outros códigos). As atividades languageiras são, geralmente, consideradas como a manifestação de uma faculdade inerente e específica da espécie humana, a linguagem. Segundo as latitudes, as sequências sonoras produzidas pelos locutores, no entanto, variam consideravelmente: as sociedades humanas desenvolveram de fato variedades particulares da linguagem, que foram qualificadas como “línguas naturais” (chinês, hopi, inglês, húngaro, etc.)

Na Antiguidade, as atividades languageiras constituíram um dos temas favoritos da reflexão filosófica. Heráclito, os ELEATES, depois Aristóteles colocaram, por exemplo, o problema das relações entre palavras e coisas, e essa análise foi seguida no curso dos séculos para culminar com a obra de Saussure. O problema das relações

entre linguagem e pensamento foi igualmente abordado desde o nascimento da filosofia. Heráclito, notadamente, desenvolveu a ideia de um estreito paralelismo entre a estrutura da frase e a estrutura do processo que ela representa. Essa concepção encontrou sua expressão mais bem acabada na *Gramática de Port Royal*, que colocou em paralelo as formas linguísticas e, de um lado, as espécies sintáticas e, de outro, as categorias lógicas.

No curso da História, os filósofos, depois os psicolinguistas, igualmente se debruçaram sobre a questão das *funções da linguagem*, ou seja, o papel que exercem as atividades languageiras em relação a outros comportamentos humanos: expressão de ideias, necessidades ou sentimentos, representação, comunicação, regulação da ação, mediação do comportamento, etc. Nós reteremos, no que nos concerne, as funções de representação e de comunicação, que podem ser definidas de maneira muito ampla e englobar o conjunto dos papéis que acabamos de mencionar. O conceito de *comunicação* faz diretamente referência ao caráter social da linguagem; designa todos os comportamentos de troca que se observa no seio das espécies organizadas em sociedade. A comunicação é independente do conteúdo mesmo da troca e, a esse respeito, recobre a noção de expressão assim como a função fática, que consiste em ativar um canal de comunicação independentemente de transmissão de todo o conteúdo. Essa função é igualmente independente das características estruturais da troca e, em particular, da presença ou ausência de um código unívoco à disposição de todos os membros da espécie. Em efeito, os gritos, sorrisos ou mímicas são instrumentos de comunicação da mesma forma que os sistemas de símbolos ou de signos linguísticos. Por sua vez, a função de *representação* tem por objeto reproduzir em um outro plano, por meio de *substitutos representativos*, uma realidade comportamental ou conceitual ausente.

Foram os gramáticos, depois os linguistas, que abordaram a análise das *características estruturais* das línguas. A linguística, no sentido moderno do termo, só

nasceu no século XIX quando foram aplicados os primeiros métodos realmente científicos ao estudo comparativo das línguas indo-europeias. Durante todo o século XIX, o objeto dessa disciplina permanece essencialmente histórico e comparativo, e foi necessário esperar Saussure para que se instaure uma linguística centrada na estrutura atual e interna da língua.

Toda reflexão e todo estudo sobre a língua, na medida em que ela é criadora de conceitos e de teorias é, por definição, uma *atividade metalinguística*: ela produz palavras, frases ou discursos, que servem para descrever palavras, frases, discursos. Essa atividade metalinguística se encontra com certeza no linguista, mas ela aparece igualmente sempre que um sujeito reflete sobre a língua, notadamente quando aprende a ler e a escrever. Os conceitos de *palavras* e de *frases* são os produtos mais típicos da atividade metalinguística espontânea: uma palavra é uma unidade da língua numa só peça (é cercada por dois espaços vazios_ e uma frase é uma unidade que começa por uma maiúscula e termina por um ponto. A atividade de reflexão sistemática sobre a língua conduzida pela linguística levou, entretanto, a substituir essas noções intuitivas por conceitos mais precisos. Nós apresentaremos alguns deles, que são admitidos pela maior parte dos especialistas da linguagem e que serão largamente utilizados nesta obra.

A manifestação mais aparente da linguagem é a *palavra*, quer dizer a sequência de sons que se emite quando se fala. O conceito linguístico é mais amplo em relação à aceção habitual do termo; recobre qualquer produção linguageira concreta, seja oral ou escrita. Os conjuntos de palavras reunidos para fins de análise linguística são qualificados de *corpus*; os enunciados que eles comportam veiculam um conteúdo ou sentido que é a expressão de um estado, de um acontecimento, de um sentimento, etc. As sequências de palavra fazem, então, em princípio, sempre *referência* a uma realidade extralinguística.

De uma certa maneira, pode se considerar que as teorias linguísticas têm por objeto determinar o que

se passa entre o domínio dos sons (ou de outros meios de expressão) e o domínio do conteúdo ou do sentido. A principal noção proposta com esse efeito é a de *signo*. O signo é uma unidade de natureza formal, composto por um *significante* ou imagem sonora e de um *significado* ou imagem de um conteúdo qualquer. Palavras tais como árvore, cadeira ou cavalo, por exemplo, não falam propriamente dos signos; nós as apreendemos como significantes que exprimem os significados de árvore, cadeira ou cavalo. A noção de significante não se reduz, entretanto, estritamente àquela da palavra; com efeito, sequências como *pré-fabricação* ou *re-torna-rá*, que foram, cada uma, uma palavra, são compostas, na verdade, por vários significantes: *fabric-*, que exprime a ideia de fabricar, *pré-*, que marca a anterioridade; *re-* que marca a repetição, etc. Uma palavra pode, pois, ser constituída por vários signos, entre os quais se pode distinguir os que têm um conteúdo preciso e aqueles que desempenham sobretudo um papel morfológico e gramatical. Os primeiros são habitualmente chamados de *lexemas* e os segundos, de *morfemas*. Cada tipo de signo pode se decompor em unidades de sons, os *fonemas*, e se organizar em unidades maiores. Entre as unidades linguísticas maiores, vamos nos referir sobretudo ao *sintagma*, que é um grupo de extensão variável, composto por signos ligados entre si por uma função ou relação gramatical. Os sintagmas se organizam, por sua vez, em *frases simples* (as *proposições* da gramática clássica) ou *complexas*, que se encadeiam para formar um *texto*. A organização dos signos em enunciados pode ser descrita em termos de estruturas morfossintáticas de superfície (o passivo, a ordem das palavras, o imperativo, etc.), de regras de organização (as *regras de reescrita* ou *de transformação* da gramática gerativa- cf. capítulo 7) ou de *operações* (referência, enunciação, cf. capítulo 8). A esses conceitos linguísticos universalmente aceitos, somam-se uma quantidade outras noções (*valores, funções, embrayeurs* etc.)

As atividades languageiras constituem, ao mesmo tempo, um objeto e um meio de conhecimento: a linguagem está, pois, estreitamente ligada aos mecanismos cognitivos. Interege com os diferentes comportamentos não languageiros de ordem intelectual (ou operatória), mneumônica, perceptiva, motora, etc. Essas interações são, por vezes, descritas em termos de *regulação ou de mediação*.

Linguística, psicologia da linguagem,
ciência do discurso

A *linguística* é uma disciplina extremamente vasta, que trata tanto a história e a comparação das línguas como da organização sincrônica das suas estruturas. As teorias que abordaremos no quadro desta obra são as tentativas de descrição das unidades principais e das regras de organização das línguas, ou seja, da linguagem. Essa abordagem científica da linguagem enquanto objeto se distingue da *psicologia da linguagem*, que trata as condutas ou comportamentos languageiros dentro do quadro do funcionamento psicológico global do indivíduo. Enquanto o linguista tenta descrever e explicar a complexa mecânica da língua, como o faria um especialista das ciências naturais, a psicologia da linguagem analisa e interpreta o funcionamento verbal de um sujeito num contexto psicossociológico determinado. A *ciência do discurso* constitui uma disciplina intermediária, que combina uma análise das propriedades linguísticas dos textos com uma análise das regras sociais e/ou praxiológicas, que organizam a execução das produções verbais.

Outras disciplinas, tais como a filosofia e a psicanálise, formularam também proposições oriundas das teorias da linguagem, que não poderemos, entretanto, abordar aqui em razão principalmente de nossa relativa incompetência nesses domínios disciplinares.

De modo muito esquemático, pode-se distinguir três grandes etapas das teorias linguísticas. A primeira,

que é caracterizada por um *percurso estruturalista de superfície*, iniciou com a fundação da linguística sincrônica, quer dizer com Saussure e Sapir. Esses dois autores tinham como objetivos essenciais definir as unidades linguísticas pertinentes e analisar suas relações com a realidade extralinguística, seja ela psíquica, psicológica ou sociocultural. As principais unidades que eles colocaram em evidência, o *signo* em Saussure, o *símbolo* em Sapir, eram do nível e da medida da palavra. Esses dois pais fundadores da linguística moderna debruçaram-se igualmente sobre os problemas da inserção dessas unidades nas redes mais largas, os sintagmas, os paradigmas ou os procedimentos gramaticais. Entre seus numerosos sucessores, alguns prolongaram a análise das unidades de base; trata-se notadamente dos membros do *Círculo linguístico de Praga*, que definiram as unidades mínimas que compõem o signo (c. Troubetzkou e Jakobson) e propuseram distinguir várias de suas variedades (cf. as noções de monemas, lexemas ou morfemas introduzidos por Martinet). Outros autores aprofundaram o estudo das relações e solidariedades existentes entre os signos sobre o eixo linear, sintagmático ou ainda sintático da língua. Trata-se essencialmente dos estruturalistas anglo-saxões, de Bloomfield a Harris, mas igualmente de autores europeus como Tesnière. De maneira geral, os linguistas desta primeira corrente, que se pode qualificar de *estruturalismo estrito*, efetuam seus trabalhos a partir de *corpus*, ou seja, de coleta de enunciados orais e escritos efetivamente produzidos no quadro de uma dada língua, e seus métodos de coleta, análise e interpretação tendem a ser os mais objetivos possíveis. Para cada linguista, o trabalho se efetua igualmente no quadro de uma única língua natural, sem que seja posto de maneira muito explícita o problema da relação entre a referida língua a linguagem no seu conjunto. Certos autores (notadamente Martinet) afirmam trabalhar para uma *linguística das línguas*, sem se preocupar com eventuais *universais da linguagem*, enquanto outros propõem elaborações teóricas cujo estatuto seria, por princípio, universal, sem apresentar,

entretanto, os meios metodológicos para validar essa hipótese de universalidade.

A segunda etapa da evolução das teorias linguísticas se caracteriza pela formulação de hipóteses concernentes às estruturas não aparentes da língua, a saber, as regras subjacentes que explicam as estruturas de superfície. Os trabalhos de Hjelmslev podem ser considerados como uma primeira tentativa nessa direção que encontrou sua expressão mais clara na *gramática gerativa* de Chomsky e de seus seguidores. Reatando com uma tradição filosófica muito antiga, essa corrente postula a existência de uma organização de sentido em estruturas simples, chamadas de *estruturas sintagmáticas profundas*, assim como a existência de mecanismos que *transformam* essas organizações profundas em enunciados aparentes ou em *estruturas de superfície*. Em razão da própria natureza das estruturas profundas, as unidades de base que são levadas em consideração são da ordem e da medida da frase, em vez da palavra. Sob o plano metodológico, a descrição dessas estruturas parece dever apelar à *introspecção* do sujeito, ao seu conhecimento intuitivo da língua, em lugar de procedimentos de coleta de corpus. A ambição dos linguistas gerativistas é formular um modelo de *gramática universal*, representando a *competência ideal* de todo sujeito falante, qualquer que seja a língua que ele pratique. Ainda que os objetivos explícitos dessa segunda corrente ultrapassem largamente a perspectiva estruturalista estrita, a prática linguística apresenta, no entanto, evidentes analogias com essa primeira corrente.

Uma terceira etapa se caracteriza por levar em consideração unidades languageiras bem mais amplas que as precedentes. Numerosos linguistas se centram, a partir de então, em segmentos de enunciados (qualificados de *sequências, textos ou discursos*), tais como produzidos em situações concretas de produção, orais ou escritos. O objetivo geral é, nesse caso, descrever as operações que sustentam a produção verbal, ao mobilizar os recursos particulares de uma língua natural e ao levar em

consideração os diversos fatores constitutivos de uma dada situação comunicativa. Enquanto os autores da corrente estruturalista eram geralmente pouco explícitos a respeito do estatuto epistemológico de seu percurso, os autores das teorias de texto ou discurso tomaram consciência da natureza metalinguística de seu trabalho e distinguem, claramente, as fases de elaboração de modelos teóricos daquelas de validação empírica dos ditos modelos.

Os pioneiros da psicologia experimental são, em seu conjunto, fortemente interessados na questão da linguagem. Wundt (1900), por exemplo, tentou descrever as interações entre os fenômenos externos de produção e de percepção dos sons e o processo interno do pensamento. De acordo com este autor, todo ato de linguagem começa por uma espécie de impressão geral, da qual o sujeito deve, a seguir, isolar alguns aspectos e notadamente as principais relações entre unidades conceituais; e são essas relações que constituem a “trama conceitual” da linguagem. Essa posição foi criticada por Bühler (1918) e os funcionalistas, que se esforçavam para explicar os comportamentos linguageiros por referência aos eventos externos em vez de invocar “obscuros processos mentais”. Essa posição foi radicalizada pelos psicólogos behavioristas, que negavam que a língua pudesse ser considerada como a expressão de um conhecimento interno. Kantor (1929) e, mais tarde, Skinner rejeitaram explicitamente os conceitos linguísticos do signo, símbolo ou significação, sob o pretexto de que eles faziam referência a uma atividade mental e limitaram suas análises aos determinantes funcionais do comportamento verbal. A ascensão do behaviorismo, no entanto, gerou uma quantidade de percursos experimentais visando, na maior parte das vezes, a precisar a natureza das relações e dos efeitos recíprocos entre atividades linguageiras e performances mnemônicas, perceptivas ou intelectuais. O percurso metodológico consistia em apresentar uma tarefa de discriminação perceptiva, de memorização ou de resolução de problemas, de um lado, a um grupo de sujeitos que não dispunha de nenhuma ajuda verbal específica

e, de outro lado, a um outro grupo que, ao contrário, se beneficiava, seja por uma associação prévia de etiquetas verbais nos estímulos a tratar, seja por um estoque de unidades verbais para serem utilizadas. Da comparação entre os resultados obtidos pelos dois grupos de sujeitos era inferido um papel positivo, negativo ou nulo da atividade linguageira nos outros grupos de performance. Na ausência de fundamentos teóricos explícitos, torna-se difícil retirar a significação precisa desses trabalhos, dos quais Oléron (1978) propôs uma excelente síntese. Além das múltiplas pesquisas da corrente behaviorista, a psicologia forneceu igualmente conjuntos de proposições teóricas concernentes ao funcionamento ou à aquisição da linguagem no quadro da escola piagetiana de uma parte, e da escola soviética, de outra parte, proposições que serão comentadas nos capítulos 2 e 3 da presente obra.

Uma escolha de correntes teóricas e de autores

Nós procedemos a uma inevitável seleção de autores e de teorias, levando em conta alguns critérios, que seguem. Nós quisemos, em primeiro lugar, apresentar verdadeiras teorias da linguagem, quer dizer, formulações ou modelos explícitos, coerentes e autônomos.

Nosso segundo princípio foi escolher teorias suscetíveis de ter um impacto atual sobre os diversos campos de aplicação: os programas e métodos de ensino, as técnicas de reeducação da linguagem, a formulação de programas de pesquisa, a crítica literária, etc. Esse segundo critério, entretanto, é apenas mediamente eficiente: no domínio da sintaxe, por exemplo, nos deparamos com um número grande de correntes que deram lugar para aplicações práticas: as de Harris, de Guillaume, de Tesnière, de Pottier, de Chomsky, dos semanticistas gerativistas etc. Nesse caso, tivemos que adotar o critério, bem mais banal,

da importância geralmente atribuída a cada uma dessas teorias.

Nos três primeiros capítulos, como na versão original da presente obra, apresentamos três abordagens da *psicologia da linguagem*, algumas relativamente antigas, mas importantes e fundadoras: a abordagem behaviorista de Skinner (capítulo 1) ; a abordagem construtivista de Piaget (capítulo 2), seguido das abordagens reflexiológica e interacionista da escola soviética (Pavlov, Luria e Vygotski; capítulo 3).

Numa segunda parte, comentamos um conjunto de correntes e autores cujos trabalhos e proposições teóricas, globalmente, são da competência da *linguística geral*. Apresentamos inicialmente a obra fundadora de Ferdinand de Saussure (capítulo 4), depois, como contraponto, a de seu contemporâneo Edward Sapir (capítulo 5). Resumimos a seguir as orientações estruturalistas de diversos membros do *Círculo Linguístico de Praga e do Círculo Linguístico de Copenhague* (capítulo 6). Enfim, examinamos as proposições teóricas da *Gramática gerativa* incarnada por Chomsky (capítulo 7), depois aquelas que emanam da abordagem de Antoine Culioli, que qualificamos de *Gramática operativa* (capítulo 8).

Numa última parte, abordamos um conjunto de correntes teóricas, atribuindo uma importância maior às dimensões enunciativas, discursivas e textuais. Apresentamos, em primeiro lugar, aspectos da obra de Émile Benveniste centrados na enunciação e na dimensão discursiva (Capítulo 9). Resumimos os aportes de vários autores francófonos inscritos nas correntes contemporâneas da análise do discurso e da linguística textual. Em seguida, analisamos as proposições teóricas e metodológicas fundamentais de Valentin Volochinov (capítulo 11), autor que inspirou largamente os trabalhos que conduzimos com nossos colaboradores no quadro atual do *interacionismo sociodiscursivo*, que será apresentado no capítulo 12.

Em relação à primeira versão desta obra, afóra uma reformulação do conjunto dos capítulos antigos e uma

necessária atualização de diversas dimensões técnicas (citações e bibliografia, entre outras), procedemos aos importantes ajustes que seguem.

Remanejamos profundamente o capítulo 4 consagrado a Saussure e a parte do capítulo 3 consagrada a Vigotski, para neles integrar os aportes das múltiplas fontes documentais (diretas ou indiretas), que fizeram aparecer importantes aspectos das obras desses autores que eram desconhecidos há quatro décadas. Além disso, no capítulo 7 consagrado a Chomsky, introduzimos alguns complementos, em função da evolução desse paradigma, sem, no entanto, poder proceder a uma apresentação detalhada das questões e características dos últimos modelos do autor, por razões tanto da sua pertinência com relação aos objetivos desta obra, como o nosso não domínio da tecnologia que lá está.

Introduzimos três novos capítulos dedicados aos quadros teóricos centrados nos textos-discursos: um apresentando a obra de Valentin Volochinov, produzida nos anos 1920, mas, por muito tempo, escondida em razão da fraude bakhtiniana, e os dois outros consagrados às correntes contemporâneas de análise do discurso e de linguística textual.

Enfim, não reproduzimos os três capítulos da obra original que eram consagrados à psicolinguística, na medida em que as correntes que haviam sido descritas ou desapareceram ou evoluíram em direções muito distantes de seus questionamentos iniciais.